

O PORTEFÓLIO NO DESENVOLVIMENTO DE UMA APRENDIZAGEM AUTO-REGULADA – UM ESTUDO DE CASO NA INICIAÇÃO À APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESTRANGEIRA¹

Paula Alexandra Faria Rente Guedes
Escola EB 2, 3 do Pinhão
paulagued@gmail.com

Resumo

O estudo teve como finalidade principal verificar de que modo a implementação do portefólio na aprendizagem de uma língua estrangeira (Inglês) pode favorecer a criação de condições ideais para a promoção de uma aprendizagem autonomizante, através de uma orientação reflexiva das práticas, conducente à transformação de processos de ensino e de aprendizagem em contexto escolar.

A investigação centrou-se na implementação do portefólio e de condições favoráveis ao desenvolvimento de processos metacognitivos, que segundo Klenowski (2002) envolvem a consciencialização da aprendizagem e o auto-conhecimento, nomeadamente através de instrumentos de auto-regulação, que também serviram para a recolha de dados. Acredita-se que o portefólio, enquanto metodologia de aprendizagem, permite ao aluno planificar e monitorizar a construção do seu conhecimento, adoptando uma postura reflexiva e desenvolvendo um olhar crítico sobre o que foi feito, sobre as aprendizagens realizadas e as dificuldades sentidas, com o intuito de (re)elaborar estratégias que lhe facilitem ultrapassar os obstáculos.

1. Âmbito e justificação do estudo

Como refere Sá Chaves (2000: 14) a propósito do uso do portefólio na formação profissional, ele permite estimular a reflexão consciente:

“Constitui uma condição imprescindível ao desenvolvimento, quer na dimensão profissional de acesso aos conhecimentos específicos de cada profissão (...) quer na dimensão pessoal de acesso ao conhecimento de si próprio, sobretudo na capacidade de auto-distanciamento que permite a cada qual observar-se como sujeito operante no quadro de acção e julgar-se como sujeito pensante no quadro, já, da meta-reflexão.”

A possibilidade de pôr em prática uma pedagogia diferenciada, no sentido de proporcionar um ambiente de trabalho que permita o desenvolvimento cooperativo de competências metacognitivas pelo recurso a uma aprendizagem auto-regulada, surge como uma área que se considera pertinente e sobre a qual se deve investir no sentido de favorecer a autonomia dos alunos, tendo servido de mote à realização deste projecto de investigação. Assim, foram promovidas condições favoráveis ao desenvolvimento de competências metacognitivas, pelo recurso à reflexão crítica através de instrumentos didácticos que favorecem a construção activa e participada da aprendizagem. Nesta perspectiva, a aprendizagem constituiu-se como um

processo contínuo que parte dos conhecimentos prévios de cada aluno, para que este construa o seu próprio conhecimento e se envolva na resolução de problemas, possibilitando também uma avaliação mais autêntica, mais participada e mais reflexiva. Em suma, com este estudo pretendeu-se compreender de que modo a implementação do portefólio contribui para o desenvolvimento de uma aprendizagem reflexiva, envolvendo e co-responsabilizando o aluno pela sua própria aprendizagem. Partiu-se do princípio de que esta é uma estratégia com grandes potencialidades em termos de aprendizagem significativa na actualidade, que pode influenciar a vida futura dos alunos e da própria sociedade em que estes estão inseridos. Ao incentivar a reflexão e a monitorização da aprendizagem, os alunos edificam alicerces mais sólidos para uma integração mais efectiva na sociedade.

As razões que levaram à selecção do tema prenderam-se com a vontade de contribuir de alguma forma para esclarecer alguns aspectos relacionados com a implementação do portefólio e a necessidade de adquirir conhecimentos que facilitem uma acção profissional mais sustentada, desenvolvendo *“responsabilidade e capacidade de tomar decisões certas no momento certo, e decidir considerando as consequências”* (Alarcão, 2000: 117). O enfoque no uso do portefólio justifica-se também pela importância que tem vindo a assumir no âmbito das políticas de educação linguística, quer europeias, nomeadamente no âmbito do trabalho desenvolvido pelo Conselho da Europa (em particular, o Portefólio Europeu de Línguas), quer nacionais, em particular no âmbito de propostas programáticas que sugerem o seu uso e apelam a metodologias de ensino e de avaliação participadas pelos alunos.

2. Contexto, metodologia e objectivos

O estudo assentou numa experiência de implementação do uso do portefólio realizada no ano lectivo de 2006/2007, numa turma de 5º ano de escolaridade com 20 alunos, na disciplina de Inglês, e recorreu-se ao estudo de caso por se ter pretendido desenvolver um conhecimento detalhado e compreensivo de um caso único (turma), obtido através de descrições extensivas e análises do caso tomado como um todo e no seu contexto.

Segundo Coutinho & Chaves (2002), o estudo de caso é uma metodologia de investigação científica de cariz qualitativo. A crescente importância das metodologias qualitativas na investigação científica, nomeadamente na área da Educação, deve-se à necessidade de desenvolver novas abordagens metodológicas que permitam dar resposta a problemáticas emergentes. Como o nome indica, a característica que distingue esta metodologia é o facto de ser um plano de investigação que se concentra no estudo pormenorizado e aprofundado, em

contexto natural, de uma situação bem definida: «o caso». Segundo estes autores, são cinco as características que distinguem esta metodologia:

□O caso é um “sistema limitado” – logo tem fronteiras “em termos de tempo, eventos ou processos” e que “nem sempre são claras e precisas” (Creswell, 1994): a primeira tarefa do investigador é pois definir as fronteiras do “seu” caso de forma clara e precisa.

□Segundo, é um caso sobre “algo”, que há que identificar para conferir foco e direcção à investigação.

□Terceiro, tem de haver sempre a preocupação de preservar o carácter “único, específico, diferente, complexo do caso” (Mertens, 1998); a palavra holístico é muitas vezes usada nesse sentido.

□Quarto, a investigação decorre em ambiente natural.

□Quinto, o investigador recorre a fontes múltiplas de dados e a métodos de recolha muito diversificados: observações directas e indirectas, entrevistas, questionários, narrativas, registo áudio e vídeo, diários, cartas, documentos. (Coutinho & Chaves, 2002: 224)

A orientação metodológica desta investigação aproximou-se da investigação-acção, num paradigma interpretativo, onde se explorou o potencial da experimentação pedagógica na auto-supervisão profissional, tendo-se recorrido à utilização de métodos de recolha e análise de informação qualitativos, sem finalidades de generalização estatística.

O desenvolvimento de uma experiência pedagógica para a implementação do portefólio exigiu uma postura reflexiva, auto-supervisiva, por parte da professora, uma vez que se tratava de uma prática nova para alunos e professora-investigadora. Neste estudo, entendeu-se que o trabalho da professora, numa perspectiva de auto-supervisão, exigiu um pensamento estratégico, uma vez que se centrou na capacidade de ensinar os alunos a aprender a aprender, encarando-se a aprendizagem como um processo de resolução de problemas, passando pelo envolvimento dos sujeitos, num contexto em que era considerada necessária a existência de um clima afectivo-relacional estimulante e colaborativo.

O estudo teve por base três objectivos gerais:

- motivar o aluno para o desenvolvimento do portefólio;
- promover a aprendizagem auto-regulada do aluno na construção do seu próprio processo de aprendizagem;
- identificar potencialidades e constrangimentos da implementação do portefólio.

Para alcançar estes objectivos construíram-se vários instrumentos didácticos e de recolha de informação aplicados em diferentes momentos e que se sintetiza no quadro seguinte:

INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO / TIPO DE INFORMAÇÃO RECOLHIDA	
<p>I. Questionários:</p> <p>“A Minha Aprendizagem” (Início de Dezembro)</p> <p>“Reflexão sobre a Minha Aprendizagem” (Fim de Abril)</p>	<p>Atitudes face à escola</p> <p>Atitudes face ao Inglês</p> <p>Recursos disponíveis em casa</p> <p>Actividades realizadas no exterior</p> <p>Dificuldades sentidas no Inglês</p> <p>Expectativas face ao portefólio</p> <p>Atitudes face à escola e ao Inglês</p> <p>Percepções sobre o portefólio</p> <p>Utilidade dos instrumentos de regulação</p> <p>Satisfação no uso do portefólio</p>
<p>II. Instrumentos de Regulação da Aprendizagem:</p> <p>“Now I can” (Mensalmente)</p> <p>“Logbook” (Quinzenalmente)</p> <p>“Self-assessment card”</p> <p>“Activities for my portfolio”</p> <p>“Portfolio Assessment”</p> <p>“Books I Have Read”</p> <p style="margin-left: 150px;">} Sempre que fosse realizada uma actividade</p>	<p>Progressos na língua inglesa</p> <p>Reflexão sobre a aprendizagem</p> <p>Actividades mobilizadas</p> <p>Avaliação dos portefólios</p> <p>Estratégias de leitura</p>
<p>III. Entrevistas sobre os portefólios (realizadas aos alunos em grupo)</p>	<p>Identificação de dificuldades surgidas durante a construção do portefólio.</p> <p>Monitorização da experiência.</p>
<p>IV. Diário de investigação (função de apoio)</p>	<p>Reflexões da professora-investigadora sobre a experiência</p>

As fases da experiência com os alunos foram as seguintes:

FASES DA EXPERIÊNCIA
Diagnóstico / consciencialização dos alunos para a construção do portefólio
Negociação de procedimentos para a implementação da estratégia
Construção do portefólio, com ênfase na aprendizagem auto-regulada
Avaliação da experiência

Os dados recolhidos foram primeiramente analisados numa perspectiva global do grupo-turma e numa segunda fase, numa perspectiva diferencial, nomeadamente pelo recurso aos Instrumentos de Regulação da Aprendizagem, focalizada em quatro alunos com características diferenciadas. Com a selecção destes alunos, pretendeu-se não só limitar a informação recolhida mas também, ilustrar semelhanças e variações no modo como os alunos realizaram a regulação das suas aprendizagens.

3. Alguns resultados da experiência

O segundo questionário, “Reflexão sobre a minha aprendizagem”, foi aplicado no final da intervenção pedagógica e incluía uma secção de avaliação da experiência do portefólio (secção B, v. Anexo), incidente em:

Contributos do portefólio para a aprendizagem

Utilidade dos instrumentos de regulação da aprendizagem

Grau de satisfação com o portefólio

Conselhos para outros alunos

Conselhos para os professores

Segundo as respostas obtidas, o portefólio parece ter correspondido às expectativas iniciais dos alunos. A maioria considera que acarreta mais-valias para o auto-conhecimento (17 alunos) e para o conhecimento de como decorre a aprendizagem, permitindo identificar pontos fortes (15 alunos), identificar e resolver dificuldades (16 alunos), reflectir sobre o progresso efectuado (17 alunos), organizar o estudo (17 alunos) e desenvolver a criatividade (15 alunos). A questão que registou maior número de respostas no nível “Muito” reporta-se ao facto do portefólio permitir realizar actividades que vão ao encontro dos interesses do aluno (19 alunos). De facto, esta é uma das suas principais vantagens – possibilitar uma aprendizagem diferenciada e relevante - da qual dependem outras.

Esta avaliação valida o uso do portefólio como instrumento que promove a autodirecção dos alunos, contribuindo para o desenvolvimento da sua autonomia. Um dos aspectos centrais dessa autodirecção é a consciencialização do processo de aprendizagem, pois ela é condição da apropriação do acto de aprender:

“...não estou habituado a dar a minha opinião de como aprendi, aprendi e pronto...é interessante ver que até consigo ultrapassar algumas dificuldades ...” (Registo de um aluno)

“...poder escolher alguns trabalhos para a minha avaliação é bom e fico com mais interesse na disciplina de Inglês” (Registo de um aluno)

Na terceira dimensão, indagava-se os alunos quanto à utilidade atribuída aos instrumentos de regulação de aprendizagem. Saliente-se que não foi obtida qualquer resposta que demonstrasse incerteza na valorização dos instrumentos, o que indica que é reconhecido valor pedagógico a todos eles. Tendo em consideração que estes instrumentos eram centrais na construção do portefólio, podemos afirmar que estes dados reforçam os anteriores, relativos aos contributos positivos do portefólio para a aprendizagem. Os quatro alunos cujos registos de auto-regulação foram analisados evidenciaram, embora de modo diferenciado, progressos ao nível da motivação, relação interpessoal, comunicação, organização da aprendizagem e sistema apreciativo dos sujeitos, aspectos estes relacionados com a autonomia na aprendizagem (Vieira, 1998: 39), como se pode verificar pelas suas reflexões:

“...foi difícil mas ainda bem que a professora queria que falássemos em Inglês, agora quando chego à aula já sou capaz de cumprimentar em Inglês...e até gosto de ler alto sem vergonha de errar.”

“...gostei de fazer aquela ficha em grupo em que via as respostas dos colegas...e quando discordei da resposta tinha razão...”

“...agora já posso dizer em casa os nomes dos alimentos em Inglês...”

“...estou mesmo a gostar de trabalhar com o portefólio...se estivesse mais empenhado tinha conseguido melhor nota no teste.... devia ter estudado mais um pouco...”

“... quando a professora nos pôs a trabalhar em grupo fizemos a ficha rápido ...”

“...tive que desenhar várias partes da casa para aprender o mobiliário...até foi fácil saber as profissões com o filme que vimos ...”

“...sou capaz de dizer o verbo em diferentes situações...”

“...se ler várias vezes vou fixar os nomes dos edifícios...”

Os dados recolhidos no questionário final permitiram também concluir que o grau geral de satisfação dos alunos com o portefólio foi elevado, já que a maior parte da turma se considerou muito satisfeita (7 alunos), bastante satisfeita (5 alunos) ou satisfeita (5 alunos) com o portefólio, o que leva quase todos os alunos a recomendar que seja usado por outros alunos (15 alunos). Questionados acerca do que diriam aos colegas acerca do portefólio, realçam o facto de valer a pena construí-lo, apesar de não ser de fácil organização, porque permite reflectir sobre os progressos na aprendizagem, descobrir dificuldades atempadamente e desenvolver capacidades, é uma forma divertida de estudar e torna os alunos mais responsáveis pela sua aprendizagem.

Para os professores que usam portefólios, os alunos registaram várias sugestões, relevando-se que mais de metade da turma considerou que deve ser dada continuidade ao portefólio e faz referência à importância das fichas de auto-regulação processual.

Este questionário permitiu concluir que os alunos avaliaram muito positivamente o uso do portefólio, reconhecendo-lhe vantagens que a literatura refere e que se pretendia operacionalizar com esta experiência.

Ao longo da experiência, foi-se verificando um fortalecimento motivacional face ao processo de ensino e aprendizagem da língua estrangeira. Foram observados vários indicadores desta motivação em estreita relação com a auto-regulação da aprendizagem: valorização da prática da língua; convicção sobre capacidades pessoais para aprender; incremento de autoconfiança e percepção de sucesso; identificação e superação de dificuldades; colaboração entre pares.

Ao nível da relação interpessoal, os alunos desenvolveram alguma independência face à professora, patente em atitudes e comportamentos como: postura pró-activa e crítica face à aprendizagem; responsabilidade na tomada de decisões; capacidade de tomar iniciativas na resolução de problemas; à vontade com o erro e assunção do risco na sua superação; participação na auto-avaliação, em cooperação com a professora; capacidade de autodirecção na definição de metas, estratégias e formas de avaliação da aprendizagem; desenvolvimento de uma preferência por valores como a colaboração e interdependência, em detrimento da competição e do individualismo.

Ao nível da comunicação, constatou-se um fortalecimento do poder discursivo dos alunos, traduzido de várias formas em sala de aula e também nos registos do portefólio: manifestação de intenções próprias; reflexão sobre a sua aprendizagem; opiniões sobre o ensino; auto-avaliação das aprendizagens; criatividade nos trabalhos livres desenvolvidos.

Ao nível da organização da aprendizagem, os seus portefólios revelaram o desenvolvimento de uma capacidade generalizada de aprender a aprender, muito apoiada no uso dos instrumentos de auto-regulação. Esta capacidade pode inferir-se a partir de indicadores como: facilidade, maior ou menor, de reflexão sobre a língua e sobre a aprendizagem; conhecimento metacognitivo adequado sobre processos de produção e interpretação linguística; mobilização de estratégias de aprendizagem diversificadas; diversidade de formas de aprender; uso eficaz de recursos disponíveis na resolução de problemas linguísticos; organização das formas de registo e de estudo; capacidade de transferência e adaptação a novas situações linguísticas; compreensão do processo educativo.

Finalmente, ao nível do sistema apreciativo, os alunos foram desenvolvendo uma abordagem de descoberta face ao saber e ao processo de ensino e aprendizagem, traduzida de diversas formas: abertura à inovação pedagógica, capacidade de se posicionar criticamente em relação a si e à aula; facilidade de adaptação a novas formas de ensinar e de aprender a língua; reflexão sobre as práticas e teorias subjectivas.

Em suma, pode dizer-se que a implementação do portefólio favorece uma pedagogia para a autonomia, de natureza construtivista, e que só esta pode levar à manifestação de todos estes sinais, contribuindo para desenvolver “alunos mais responsáveis e motivados, com um papel pedagógico reforçado, com poder discursivo, alunos que aprendem a aprender e que mantêm uma postura reflexiva face ao sistema de aprendizagem” (Vieira, 1998: 40). Ficou evidente, nos registos efectuados pelos alunos, que a implementação do portefólio não foi uma tarefa fácil, mas com o decorrer do tempo acabou por ser encarada como algo de natural e essencial ao seu agir intencional no percurso de aprendizagem. Esta mudança veio a repercutir-se na qualidade dos portefólios e no modo como ia decorrendo a sua elaboração.

Contudo, e com base nos casos dos quatro alunos cujos registos foram analisados, verificam-se diferenças no modo como os alunos se envolveram na construção do portefólio, assim como no seu grau de aquisição linguística. Nestes casos:

- | | |
|----------------|---|
| <i>Aluno F</i> | Não se empenhou na construção do portefólio; evidenciou bastantes dificuldades linguísticas; obteve nível 2. |
| <i>Aluno A</i> | Empenhou-se na construção do portefólio, apesar das dificuldades evidenciadas; obteve nível 3. |
| <i>Aluno J</i> | Empenhou-se na construção do portefólio; evidenciou poucas dificuldades linguísticas; obteve nível 4. |
| <i>Aluno B</i> | Empenhou-se na construção do portefólio; evidenciou facilidade de aprendizagem da língua; obteve nível 5 (em quase todas as disciplinas). |

Embora não se pressuponha a existência de uma relação causal entre o (investimento no) portefólio e o sucesso académico dos alunos, pode existir alguma relação entre o modo como os alunos se envolveram na regulação da sua aprendizagem e o seu desempenho linguístico, nomeadamente porque o portefólio constituía um instrumento central na aprendizagem destes alunos.

Tendo em consideração os dados apresentados e a observação da professora-investigadora, pode-se afirmar que a experiência foi bem sucedida, embora reconhecendo que, como acontece com qualquer abordagem pedagógica, os ganhos são diferenciados de aluno para aluno.

4. Em síntese... potencialidades e constrangimentos do uso de portefólios

A motivação para a construção do portefólio foi progressiva e os, momentos reflexivos contínuos parecem ter sido um contributo importante na auto-regulação da aprendizagem,

possibilitando a identificação de dificuldades e de estratégias de superação. Os alunos passaram a definir com a professora os objectivos das tarefas a realizar, conhecendo estratégias diversificadas consoante os objectivos a atingir e as tarefas propostas, e seleccionando as que melhor se ajustavam a si próprios e à especificidade da tarefa. Isto é, foram-se apropriando das três variáveis do conhecimento metacognitivo apontadas por Flavell (1999): auto-conhecimento, conhecimento da tarefa e conhecimento das estratégias a utilizar. Concluiu-se, ainda, que com a utilização do portefólio de aprendizagem, o grupo foi capaz de analisar, com a ajuda da professora, a adequação das estratégias escolhidas, ouvindo os colegas e partilhando com eles as estratégias utilizadas, e reflectindo sobre os seus erros para os poder corrigir. Destaca-se a mais-valia que subjaz à capacidade do aluno avaliar o seu progresso na aprendizagem da língua, com base na partilha de informação e na auto-avaliação do processo de ensino e aprendizagem.

Pode afirmar-se que, analisados os resultados, a experiência conseguiu atingir os objectivos inicialmente traçados: motivar o aluno para o desenvolvimento do portefólio, promover a aprendizagem auto-regulada do aluno na construção do seu próprio processo de aprendizagem e identificar potencialidades ou constrangimentos da implementação do portefólio.

Tendo a professora partido à procura de respostas a questões da sua própria prática, chega à conclusão de que o uso do portefólio pode assumir-se como ponto de partida para promover uma prática reflexiva, auto-supervisiva e dialógica, promotora do desenvolvimento de alunos mais autónomos. Este trabalho de investigação permitiu-lhe desenvolver procedimentos auto-reguladores do ensino, que levaram à tomada de consciência de pontos fortes e pontos fracos, ajudando a repensar e reformular a acção futura.

Surgiram, no entanto, alguns constrangimentos que devem ser referidos, por poderem ser impeditivos do uso desta estratégia por outros professores. Desde logo, a dificuldade inicial em motivar os alunos para a implementação de uma estratégia que poderá ser desconhecida para professores e alunos, que à partida será trabalhosa e para a qual os alunos terão de despende algum tempo e esforço:

“Apesar do diálogo, perguntas e respostas sobre para que serviam os portefólios e sobre o que lá poderiam incluir, percebi que talvez não tivesse sido a melhor forma de falar pela primeira vez sobre o assunto (...) não pude reprimir um sentimento de desalento, notei na expressão dos alunos desinteresse e a noção de que para eles o portefólio não passava de um dossier para guardar as fichas que iriam fazer nas aulas de Inglês (...)” (Diário da Investigadora, Outubro 2006)

A gestão do tempo para conseguir corrigir todos os trabalhos dos portefólios e fornecer *feedback* em tempo útil, de modo a manter os alunos motivados, é outra dificuldade. A questão do tempo surge também quando se pensa que é necessário cumprir uma programação, em regra extensa, e que as aulas são sempre muito poucas para desenvolver todas as competências essenciais:

“Mais uma vez o tempo destinado à actividade parece não ter sido o mais correcto, apesar de terem sido 45 m, pois os alunos demonstraram alguma relutância ou talvez vergonha de participar na discussão (...). A minha preocupação relativamente ao atraso no cumprimento da planificação aumenta cada vez mais, pois cada vez estou mais atrasada. Apesar de achar que o portefólio não é a principal razão do meu atraso, penso que também terá alguma influência.” (Diário da Investigadora, Fevereiro 2007)

Por se tratar de alunos tão novos, na faixa etária entre os nove e os onze anos, e por se ter verificado que esta estratégia constituía uma incógnita absoluta, sentiu-se a necessidade de efectuar, extra-aula, uma orientação individual dos alunos. Este acompanhamento, prestado muitas vezes no final das aulas, constituiu também um obstáculo, pois era impossível a alguns alunos permanecerem na escola após as aulas, além de nem sempre ter sido fácil encontrar um espaço físico para reunirmos.

“(...) quando chegámos, a sala estava ocupada por dois professores que iriam pesquisar na net (...) Ou seja, as duas salas estavam ocupadas.” (Diário da Investigadora, Janeiro 2007)

Finalmente, é necessário salientar que o uso de portefólios se torna tanto mais difícil quanto maior for o número de alunos. Neste caso, foi utilizado apenas com uma turma, mas a sua generalização pode reduzir a sua eficácia, nomeadamente no que diz respeito ao acompanhamento do professor, com repercussões na melhoria das aprendizagens dos alunos. Por outro lado, a sua generalização a outras disciplinas do currículo exigiria outras formas de implementação, como por exemplo a criação de um portefólio selectivo das diferentes disciplinas em vez de um portefólio por disciplina, o que implicaria maior coordenação entre os professores e, provavelmente, uma pedagogia mais interdisciplinar.

Em suma, trata-se de uma estratégia que, não sendo fácil de operacionalizar, apresenta desafios que importa enfrentar, pelo valor pedagógico que apresenta no desenvolvimento de um ensino reflexivo e de uma aprendizagem progressivamente mais autónoma.

Conclusão

Este projecto de investigação teve como finalidade estudar o contributo do portefólio no desenvolvimento dos alunos, e simultaneamente no sucesso dos mesmos, na disciplina de Inglês, nomeadamente ao nível das competências reflexivas. Apoiado teoricamente na teoria construtivista e em princípios da aprendizagem auto-regulada, proporcionou aos alunos um conjunto de tarefas individuais e cooperativas de planificação, monitorização e avaliação das aprendizagens.

Apesar das limitações, parece possível concluir que o uso de portefólios apresenta diversas potencialidades. Acredita-se que a maior conclusão que se pode retirar deste estudo é que os processos de reflexão são benéficos e representam um valioso contributo para uma educação que se quer cada vez mais participada e responsável. Salienta-se, ainda, que perante determinadas situações, poderá existir uma sensação de menor segurança e aptidão para proporcionar ao aluno um apoio mais adequado, tendo este trabalho também constituído um precioso contributo no desenvolvimento profissional e pessoal da investigadora. Assim, a auto-supervisão de experiências pedagógicas é necessária à melhoria do uso do portefólio, principalmente por se tratar de uma metodologia pouco enraizada nas práticas educativas em Portugal. Esta postura auto-supervisiva aproxima o ensino da prática investigativa e combate a sua estagnação, ao mesmo tempo que facilita uma aproximação a uma pedagogia para a autonomia, na qual um dos principais princípios orientadores será a centralização do ensino na aprendizagem. É aqui que o uso de portefólios constitui uma mais-valia, para professores e alunos.

Nota

¹ Texto decorrente da dissertação de Mestrado da autora, orientada por Flávia Vieira e inserida no projecto de investigação “Formação, Supervisão e Pedagogia: compreender e transformar contextos profissionais”, financiado pelo CIED, Universidade do Minho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I.** (org.) (2000). *Escola Reflexiva e Supervisão - Uma Escola em Desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto: Porto Editora.
- Coutinho, C. P. & Chaves, J. H.** (2002). “O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal”. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 15, nº 1, pp. 221- 244.
- Flavell, M.; Miller, S. & Miller, P.** (1999). *Desenvolvimento Cognitivo*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Klenowski, V.** (2002). *Developing Portfolios for Learning and Assessment*. London: Routledge Falmer.
- Ministério da Educação** (s/d). *Programa de Inglês. Programa e Organização Curricular*. Ensino Básico, 2º ciclo. Lisboa.
- Sá-Chaves, I.** (2000). *Portfolios Reflexivos. Estratégia de Formação e de Supervisão*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Vieira, F.** (1998). *Autonomia na Aprendizagem da Língua Estrangeira*. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia.

Anexo I

REFLEXÃO SOBRE A MINHA APRENDIZAGEM

➤ Este questionário tem como finalidade proporcionar-te um momento para reflectires sobre o teu processo de aprendizagem. Preenche-o com seriedade e esforça-te por seres sincero(a).



A. Atitudes face à escola e ao Inglês

	Sim	Nem sempre	Não
1. Gosto de vir à escola.			
2. Gosto de estudar.			
3. Tenho confiança na minha capacidade de aprender.			
4. Gosto de aprender Inglês.			
5. Aprender Inglês é fácil.			
6. Quando as actividades de Inglês são difíceis fico desmotivado(a).			
7. Sinto-me satisfeito(a) com a minha aprendizagem do Inglês.			

B. O meu portefólio

B1. Acho que o meu portefólio me tem ajudado a:

	Muito	Pouco	Nada	Não tenho a certeza
1.1 Conhecer-me melhor como aluno(a) (como aprendo melhor).				
1.2 Identificar os meus pontos fortes.				
1.3 Identificar as minhas necessidades / dificuldades.				
1.4 Resolver as minhas dificuldades.				
1.5 Reflectir sobre os meus progressos (auto-avaliar-me na leitura, na oralidade, na escrita, na gramática, no vocabulário...).				
1.6 Organizar melhor o meu estudo.				
1.7 Fazer actividades do meu interesse.				
1.8 Desenvolver a minha criatividade.				
1.9 Expressar opiniões pessoais e dar sugestões sobre as aulas.				
1.10 Outras (acrescenta):				

B2. Que utilidade têm tido os seguintes materiais?	Útil	Pouco útil	Nada útil	Não tenho a certeza
2.1 "Now I can!"				
2.2. "Activities for my portfolio"				
2.3. "Self-assessment card"				
2.4. " Logbook"				
2.5. "Portfolio assessment"				
2.6. "Books I have read"				

B3. Sentes-te satisfeito com o teu portefólio?

Nada satisfeito	1	2	3	4	5	Muito satisfeito
-----------------	---	---	---	---	---	------------------

B4. Aconselharias um colega de outra turma a construir um portefólio na disciplina de Inglês?

Sim Não Talvez

B4.1. O que lhe dirias?

B5. Que conselhos darias aos professores que usam portefólios na disciplina de Inglês?
